A INDUSTRIALIZAÇÃO CULTURAL DO FORRÓ TRADICIONAL

MELO, Rebeca Marques de[1]

RESUMO

A INDUSTRIALIZAÇÃO CULTURAL DO FORRÓ TRADICIONAL

Resumo: Compreendendo os determinantes que estão presentes no campo da industrialização cultural alinhado aos processos políticos de construção ideológica e social. Este artigo tem como objetivo principal analisar a influencia da industrialização cultural no forró tradicional, assim como, identificar expressões da industrialização na cultura tradicional, descrevendo características históricas e politicas do ritmo em questão, relacionando os aspectos culturais, políticos e econômicos das transformações do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Forró. Cultura. Indústria. Modernização.

INTRODUÇÃO

O presente artigo vem tratar sobre a interferência do processo de modernização da cultura industrial no forró tradicional dentro do estado do Ceará. A partir da discussão sobre esta temática e das pesquisas que foram feitas para a construção do mesmo, podemos identificar que tal interferência ocorre de diversas formas que serão apresentadas no decorrer dos tópicos elencados a seguir.

A princípio, iremos abordar sobre a interferência que a política exerce sobre a expressão cultural, trazendo à tona toda a trajetória de sucessivas transformações que influenciaram a organização cultural no estado. Posteriormente, será feita uma reflexão sobre a organização da cultura cearense dentro do contexto da modernidade e do capitalismo.

Para abordar as influências culturais nas construções das novas formas de identidade, elaboramos um tópico que retratará a importância destas influências para a conservação das gerações, que apresentará a cultura como predeterminante de padrões a serem seguidos pela sociedade em confronto com as consequências da globalização.

Em decorrência dos fatores mencionados acima, é percebida a existência da desvalorização de aspectos culturais, e a exemplo desta desvalorização, elencaremos o forró tradicional, mais conhecido como pé-de-serra. Para dar início a esta discussão, utilizaremos algumas informações sobre esta musicalidade, levando em conta o seu contexto histórico, inclusive, aspectos econômicos, políticos, modernizadores e tecnológicos.

Diante de um processo histórico como a modernização da cultura, nos deparamos com uma constante falta de espaço para o forró tradicional em decorrência de uma expansão da indústria moderna. Dentro deste cenário, também se faz necessário a comparação entre a lógica do turismo, grande foco no estado cearense, bem como, a indústria de grandes shows de forró, que se tornaram grandes espetáculos de entretenimento em cena.

Por fim, é analisada a articulação entre cultura tradicional, cultura moderna e aspectos políticos. A reflexão acerca de todos esses pontos mencionados, fizeram com que este artigo fosse concebido para agregar não apenas conhecimento sobre esta temática, mas também para aguçar nossa criticidade a respeito da industrialização da cultura.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Analisar a influência da industrialização cultural no forró tradicional.

Objetivo específico

[1] Faculdade Cearense - FAC, rebecamarquesmelo@yahoo.com.br

- Identificar expressões da industrialização na cultura tradicional do forró.
- Descrever características históricas e políticas da cultura tradicional.
- Relacionar aspectos culturais, políticos e econômicos com as transformações do mundo contemporâneo

METODOLOGIA

Para construção do presente artigo, foi realizado o uso da pesquisa bibliográfica, que nos remete a organização de teóricos e pesquisadores que já abordaram o tema em questão. Sendo assim, conforme expressa GIL, 2002.

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.44)

A cultura do forró vem sendo discutida de maneira dicotômica desde o surgimento de novas vertentes. Segundo publicação de Daniel Buarque, em matéria ao site G1, inicia-se o seguinte processo de gerações: o forró tradicional surgiu em meados de 1940 e trazia características como o trio pé de serra, o baião, a instrumentalidade da sanfona e o triângulo, as letras que falavam sobre fome, seca, e Nordeste, tornando famosos artistas como Luiz Gonzaga e Carmélia Alves durante suas primeiras décadas e logo após em meados de 1950 nomes como Dominguinhos, Marinês, Trio Nordestino, Jackson do Pandeiro e Pedro Sertanejo.

A segunda geração, surge em meados de 1975, já apresentando um processo de urbanização e modernização, atrelando ao ritmo do forró, a musicalidade do *pop* e do *rock*. Outros artistas surgiram nessa época, os mais renomados eram: Alceu Valença, Zé Ramalho, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Jorge de Altinho e Nando Cordel. A terceira geração, surge em meados de 1990, nomeada de forró estilizado. O trio passou a ser banda, onde atribuíram ao espetáculo brilho, iluminação, corpo de baile, equipamentos eletrônicos e tecnológicos, substituindo as letras que antes falavam de seca e fome, por conteúdos atraentes aos jovens, com letras românticas e versões de músicas internacionais.

Em depoimento a SANTOS (2012, p.680), o empresário de forró Emanuel Gurgel suscita a bipolaridade do “eletrônico/tradicional:

> “[...] e o forró tava atrasado para o momento que a gente tava vivendo, só falava das mesmas coisas, de sertão, de luz de candeeiro, de Padre Cícero, de seca e tal... As coisas do tempo de Gonzaga. Qual o jovem que quer saber disso? [...] o mundo é outro cara, e a gente, tem que acompanhar.”

No Ceará, um dos grandes responsáveis por toda essa modernização, foi o empresário Emanuel Gurgel, fundador da banda Mastruz com Leite e de outras, bem como, produtor musical, dono da gravadora Som Zoom Studio e da rádio Som Zoom Sat, responsável por ser veiculador desse forró moderno. Ele foi precursor do movimento forró eletrônico, e falando acerca de mercado e economia, ele conseguiu atingir todos os ângulos, já que, o mesmo, produzia e divulgava, sendo acusado, na época, de transformar o forró em um produto de mercado, mesmo diante das críticas, ele diz ter “mudado a filosofia do forró”, focando menos em sofrimento e dando mais espaço para a alegria e modernidade.

De acordo com SANTOS (2012, p.679), o fenômeno da especulação do forró através da produção industrial e da distribuição de conteúdo, por meio de rádio via satélite, fez com que o empresário cearense Emanuel Gurgel, recodificasse o forró, ocasionando a proliferação de bandas similares, as quais deram surgimento à categoria “Forró eletrônico”, ou “estilizado”.

Podemos observar que, para Gurgel, o forró antes de seus inventos, não apresentava inovações ou modernidades, é como se ele tivesse dado sentido a tudo que de novo estava ocorrendo nesse meio, visto que, o mesmo expõe comentários depreciativos (“atrasado, “antigo”) quando se refere ao forró tradicional, o que traça fronteiras nítidas entre categorias de um mesmo gênero musical, segundo SANTOS (2012, p. 684).

O ritmo está bastante atrelado a regionalidade e a costumes, ou seja, está vinculado ao Norte e Nordeste, fazendo com que a expansão do ritmo, ocorra de modo mais lento, visto que o centro da comunicação está no eixo Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com ROGÉRIO, precisou “descer” para São Paulo, em busca de uma aceitação mais ampla. [...] Essa atitude revela a desvalorização local. Caso a música não chegue à nossa “aldeia cearense”, via mídia nacional, o

[1] Faculdade Cearense - FAC, rebecamarquesmelo@yahoo.com.br

artista estará fadado ao anonimato.

A desvalorização dos aspectos culturais cearenses são objetos de discussão há décadas, não sendo um fato existente apenas na atualidade, o movimento artístico da Padaria espiritual[1] já falava sobre o assunto, afirmando que a depreciação perpassa por toda cultura nacional, em que se evocava originalidade e pretensão, mas o que viam eram cópias de culturas estrangeiras, utilizando “estrangeirismos” e evidenciando a desvalorização do popular e do nacional.

O profissional que fazia arte agora se vê refém do sistema capitalista, considerando a realidade, ele precisa produzir pra sobreviver e subsistir, ele tem que se adequar ao mercado, e é atendendo a esta lógica que se seguem os moldes e tudo se torna tão similar, como se tivessem sido feitos em formas. Como dizia o poeta Ariano Suassuna (2006), "Arte pra mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte pra mim é missão, vocação e festa.”Tanto a cultura como o profissional, se tornaram mercadorias, sejam quais forem os fins.

Embora, seja o fator econômico o mais relevante de todos eles, afinal, investir em cultura, acarreta em diversos privilégios a quem nela acredita, o maior benefício de todos eles acaba sendo o incentivo fiscal, que traz em sua lógica um papel de troca, via leis de incentivo e patrocínio direto, gerando uma política cultural por renúncia fiscal, palavras de SILVA (2005, p.13).

De acordo com SILVA (2005, p.12) em pesquisa realizada pela Fundação João Pinheiro, apresentando diagnósticos dos investimentos em cultura no Brasil, comprova ser bastante promissor o tal investimento:

> A produção cultural brasileira movimentou, em 1997, cerca de 6,5 bilhões de reais. Isto corresponde a aproximadamente 1% do PIB brasileiro, nos termos dos cálculos feitos para 1994, último ano para o qual existem dados abrangentes e confiáveis. Além disso, para cada milhão de reais gastos em cultura, o país gera 160 postos de trabalho diretos e indiretos. Isso revela uma dimensão que, habitualmente, não aparece nas avaliações sobre a cultura, isto é, o seu impacto social e econômico mostrando claramente a potencialidade da área para a geração de renda e de emprego.

Diante do exposto, na esfera Municipal podemos citar a Lei n º 12.464, de 29 de Junho de 1995, de incentivos fiscais a cultura, conhecida como Lei Jereissati, objeto de estudo de Silva (2005, p.15), que previa pouco menos de 0,05% do ICMS, como forma de captação mensal do imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias. Considerando a esfera do Governo Federal temos a Lei Sarney de 1986, reformulada em 1991 se tornando a Lei Rouanet, praticada hoje no Brasil. Aparatos estes que incentivam a indústria cultural de modo ainda mais mercantil.

RESULTADOS

As transformações que surgiram a partir do desenvolvimento econômico, alteraram os significados das construções simbólicas dos sujeitos. De acordo com ALVES (2011), as mudanças ocorridas no período pós-industrial, proporcionaram ao trabalhador mais tempo livre, para práticas de lazer e diversão, incentivando decisivamente a inserção dos mercados de bens e serviços culturais dentro da economia mundial.

No Ceará, o movimento cultural se fortaleceu, através de lei, como por exemplo, a Lei de Incentivo à Cultura do Governador Tasso Jereissati de 1995, que tinha como função mobilizar o empresariado cearense para que este investisse em cultura em troca de alguns benefícios fiscais (SILVA, 2005).

A partir dos anos 90, as bandas de forró invadiram definitivamente o mercado fonográfico no Brasil, com uma maior força e representatividade no Nordeste, região criadora e maior mercado consumidor deste gênero, para depois se espalharem por todo o país. O forró é uma expressão da cultura nordestina, mas até que ponto as bandas de forró representam a cultura do nordeste?

Movidas pela indústria cultural que representa o entretenimento, o consumo e o capitalismo, estas bandas criam um grande contraponto entre o verdadeiro forró cantado e defendido pelos mestres Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros artistas que em suas letras cantavam (e cantam) e retratavam (e retratam) a cultura do povo nordestino, e o forró que é executado atualmente pelas bandas de forró “estilizadas”, que em suas apresentações trazem um repertório de músicas com grande apelo sexual e de gosto duvidoso.

As mídias estrategicamente mercadológicas dos empresários de bandas de forró ditam as “bandas conhecidas” entre o público, promovendo a rotatividade dos ditos "sucessos" e os bombardeiam descaracterizando o forró, transformando-o em um produto sem nenhum

[1] Faculdade Cearense - FAC, rebecamarquesmelo@yahoo.com.br

compromisso com representatividade cultural.

Contudo, não só no Ceará, mas também em outros estados, o forró vem perdendo sua essência, já não se canta sobre sua cultura, sobre os povos, sobre a terra ou até mesmo sobre questão social, na atualidade. Identificamos ritmos cada vez mais eletrônicos, e muitas pessoas, principalmente os mais antigos, não se reconhecem nesse "novo forró". É preciso que resgatem as essências que nos foram passadas por gerações, para não perdermos a nossa essência cultural.

As expressões culturais tem se modificado ao longo dos anos para atender, principalmente, a interesses econômicos e políticos, pois o capitalismo tem como finalidade o lucro, devido a isso, várias tradições tem se transformado e se adaptado a essa nova forma de fazer cultura.

Não é de hoje que a política se utiliza de características e expressões populares para atrair para suas pautas aquilo que é do seu interesse. Em outros tempos, no Nordeste dava-se mais visibilidade a seca, atraindo assim fundos que auxiliasse na resolução desta situação, fazendo com que essa parte do país fosse vista como uma região problema.

Os efeitos de interferências como esta, arregimentam as produções culturais à lógica empresarial, repercutindo na autonomia do artista. O que já foi analisado por outros estudiosos. Atualmente, o artista que cultiva certo tradicionalismo, que ainda toca o forró "à moda antiga", enfrenta barreiras que se estendem além das fronteiras por ele imaginadas.

Os obstáculos enfrentados perpassam pela força dos mercados, pela industrialização dos bens imateriais, pela submissão do Estado às determinações econômicas, pela formatação e homogeneidade proporcionada pela globalização. Perpassa ainda, pela alienação que transforma a arte em mercadoria, pela formatação e pelo esvaziamento de significados impostos pelo capital.

O forró foi outra expressão cultural nordestina que se modificou para atender também a demanda turística. Hoje os shows de forró têm que ser cada vez mais produzidos e cheios de efeitos, com músicas dançantes e letras cheias de referências ao consumismo, que lembram muito pouco o antigo forró pé de serra, fazendo com que, muitas vezes, os profissionais que seguem a tradição mais antiga sejam desvalorizados e deixados de lado, sendo cultuados como memória, mais não como algo para a atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O forró tradicional que durante muito tempo foi uma das marcas registradas da cultura nordestina, foi perdendo seu real sentido, devido à massificação dentro do processo histórico na industrialização do simbólico. Assim podemos observar que a industrialização do forro tradicional não foi algo de uma hora para outra, temos que analisar que esse é um processo de longa duração que vem se modernizando, principalmente por exigência do mercado.

A exemplo disso percebemos a trajetória do Sr. Luís Calixto, sanfoneiro, que ao logo do tempo, foi perdendo espaço para os novos ritmos de forro trazidas pelo mercado. Antes o seu "Forró" bem tradicional agradava as plateias durante as festas juninas e também em outras épocas do ano. Sua música era apreciada em diferentes períodos e o mesmo além de conseguir manter o sustento da sua família, ainda era satisfeito emocionalmente e realizado profissionalmente. Hoje, o forró tradicional disputa espaço com os novos ritmos que foram aparecendo e ganhando força com incentivo da mídia e pelo consumo das massas populares.

Esse processo de modernização, que traz em seu eixo a industrialização do simbólico, nos mostra que há uma enorme transformação cultural e a trajetória musical do artista supracitado prova que o sistema capitalista imprime o seu molde e faz com que o forró tradicional antes vivenciado por todos (ou a maioria) dos nordestinos, agora é visto como algo ultrapassado, coisa do interior, ou se é visto na cidade, é encontrado em restaurantes "Típicos" em que tudo passa uma imagem de não moderno (é a figura do pote, das louças de barro, do forro do Luís Gonzaga e Luís Calixto).

O que não se pode deixar de compreender é que todo esse processo que a indústria atravessou faz parte do processo sócio-histórico e econômico em que estamos inseridos e temos que ponderar tudo que contribui para que possamos perceber a metamorfose ocorrida ao logo do tempo.

Após a conclusão do presente artigo verificamos que, de fato, existe uma espécie de "evolução" no que diz respeito à cultura do forró e que este processo de industrialização do simbólico está atrelado diretamente ao processo de modernização.

Não podemos deixar de mencionar que, independente do processo de transformação ser intrínseco à sociedade, é necessário que exista uma valorização do tradicional, para que o mesmo não se perca em meio à modernização desenfreada atendendo a lógica capitalista e os interesses políticos. Em contra partida, não podemos ter uma visão folclórica e romantizada da

[1] Faculdade Cearense - FAC, rebecamarquesmelo@yahoo.com.br

cultura como algo intocável e que deve ser cultuado, sem que exista espaço para novas concepções, aprendizados e reflexões que agucem a criticidade de pesquisadores que venham a investigar sobre esta temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elder Patrick Maia, A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina, Maceió; EDUFAL, 2011.

BUARQUE, Daniel. Conheça as origens e a evolução do forró, o ritmo da festa de São João: Estilo passou por três grandes fases desde que surgiu, nos anos 1940. Evolução causa disputa, mas formatos podem conviver, dizem críticos. In: G1, Paraíba, Jun.2011. Disponível em: http://g1.globo.com/pop-arte/ noticia/ 2011/06/conheca-origens-e-evolucao-do-forro-o-ritmo-da-festa-de-sao-joao.html, acesso em: 25 out.2013.

COSTA, Jean Henrique. Indústria Cultural e forró eletrônico. Disponível em: http://bdtd.bczm.ufrn.br/tde_arquivos/7/TDE-2012-08-21T003742Z-4299 /Publico/JeanHC_TESE.pdf, acesso 27 out.2013.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas,2002.

ROGÉRIO, Pedro. O pessoal do Ceará: Referências estéticas na música Cearense dos anos 70 e sua relação com o currículo escolar na década de 80. Disponível em:< http://www.brasileirinho.mus.br/artigos/pessoalceara.html>, acesso em: 25 out.2013.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SILVA, Marcus Flávio Alexandre da, A política de Incentivo à Cultura no Ceará a partir da Lei Jereissate/Dissertação de Mestrado – UECE, Fortaleza, 2005.158p. Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em música, II., 2012. Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: Portal de Revistas da UNIRIO. 686 p.

SILVA, André Luiz. A descaracterização do forró influenciada pela indústria cultural através das bandas de forró. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/Outubro/forro_industriacultural_bandas.pdf, acesso em 27 out.2013.

SUASSUNA, Ariano. “Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta". 8ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 239.

[1] Movimento do Século XIX. Durante seis anos, uma sociedade de "rapazes de Letras e Artes" daria o que falar. Bem-humorados, ousados, sobretudo talentosos, os membros da Padaria Espiritual protagonizaram, na acanhada província, um movimento literário modernista que antecedeu em muitos anos a Semana de Arte Moderna. Fariam história. E hoje continuam despertando interesse dos que estudam a Literatura Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Forró. Cultura. Industria. Modernização.

[1] Faculdade Cearense - FAC, rebecamarquesmelo@yahoo.com.br